

## **A LOUCURA PRODUZIDA**

## **THE MADNESS PRODUCED**

**Maria Aparecida Chaves Almeida**

Acadêmica do 3º Período do Curso de Psicologia da Faculdade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC Teófilo Otoni-MG. E-mail: cidachaveskk@hotmail.com

**Morgana Campos Mourão**

Acadêmica do 3º Período do Curso de Psicologia da Faculdade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC Teófilo Otoni-MG. E-mail: mmorg1712@gmail.com

**Thaís Dayane dos Santos Lopes.**

Acadêmica do 3º Período do Curso de Psicologia da Faculdade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC Teófilo Otoni-MG. Email: thaís\_santos2019@outlook.com

**Thially Botelho Canguçu Magalhães**

Acadêmico do 3º Período do Curso de Psicologia da Faculdade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC Teófilo Otoni-MG. E-mail: thially.botelho@gmail.com

**Alexandre Durann Matos**

Professor Especialista, Graduado em Filosofia. Faculdade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC Teófilo Otoni-MG. E-mail: amigo.saber@hotmail.com

### **Resumo**

Um caos, sócio-histórico, inerente ao adoecimento mental humano mantido até a atual data, se configura dentre o fator mais importante, pela preocupante forma na qual ele se relaciona com tudo e todos a sua volta. E é sobre isso que o presente artigo pretende discorrer. A sociedade está imersa em uma atuante alienação. Para o homem, produto de um sistema capitalista, o esgotamento físico e mental tolerado por uma extensa jornada de trabalho é justificado e aceito pela ideia de um conseguinte gozo a longo prazo. Neste artigo foi preciso evocar à brilhantes obras e visões de figuras com pensamentos críticos, revolucionários e elaborar um paradoxo entre as possíveis formas de se internalizar a loucura para que o leitor fosse provocado a "parir o conhecimento" - assim como o método da maiêutica socrática suscita. Afinal, a loucura a qual comumente se ouve falar não deveria ser apenas uma definição relativa visto "o afastamento prolongado do indivíduo de seus métodos habituais de pensar, sentir e agir"- procedente de uma alteração mental que é notória na sociedade como um todo. Traçar uma linha tênue sobre esse e outros questionamentos não é tarefa fácil e muitos menos trará soluções imediatas, no entanto, se faz fundamental e urgente que se inicie. O quanto antes nos aproximarmos da superfície, nadando de braçada, incansavelmente no sentido oposto a turbulenta maré mais segura estará a nossa sanidade e tão almejada real liberdade.

**Palavras-chave:** Loucura produzida; Manicômio; Normalidade; relações líquidas;

paradoxo.

### **Abstract**

A socio-historical chaos, inherent in the human mental illness maintained until the present date, is one of the most important factor, the worrying way in which it relates to everything and everyone around it. And this is what this article is about to discuss. Society is immersed in an active alienation. For man, the product of a capitalist system, the physical and mental exhaustion tolerated by an extended working day is justified and accepted by the idea of long-term enjoyment. In this article it was necessary to evoke the brilliant works and visions of figures with critical, revolutionary thoughts and to elaborate a paradox between the possible ways of internalizing the madness so that the reader was provoked to "give birth to the knowledge" as the method of Socratic maieutic raises. After all, the madness which is commonly heard should not be merely a relative definition, since the individual's "prolonged withdrawal from his habitual methods of thinking, feeling, and acting" - coming from a mental change that is notorious in society as a whole. Drawing a tenuous orientation on this and other questions is not an easy task and many less will bring immediate solutions, however, if it is essential and urgent to start. The sooner we approach the surface, swimming arm in arm, tirelessly in the opposite direction to the turbulent tide, will be our sanity and so longed for real freedom.

**Keywords:** Produced madness; Bughouse; Normality; liquidrelations; paradox.

## **1 Introdução**

Em seu livro, *Holocausto Brasileiro*, a escritora Daniela Arbex retrata com riqueza de detalhes o genocídio brasileiro que levou a óbito cerca de no mínimo 60 mil indivíduos, incluindo crianças, em meados dos anos 1930 a 1980, no Hospital Colônia de Barbacena, Minas Gerais. A elite com o consentimento velado da sociedade da época, foi capaz de construir todo um cenário de uma vil loucura aos que recorrentemente não se enquadravam aos seus "princípios éticos e morais"; sendo estes: alcoólatras, homossexuais, prostitutas, meninas engravidadas pelos patrões, moças que haviam perdido a virgindade antes do casamento, opositores políticos, mendigos e outros mais desafortunados.

A higienização social proporcionou a setenta por cento dos internos, não acometidos por algum transtorno mental, a promoção ao ápice da loucura, alicerçados por condições inclementes de vida. O hospício de Barbacena, inaugurado em 12 de outubro de 1903, deixou de cumprir com seu papel original - garantir tratamento aos doentes mentais- para assumir uma atuação bárbara, apta

a afastar cidadãos de bem do seu convívio social e principalmente familiar, afim de simplesmente incumbir-se das “demandas” do Estado Brasileiro e outros mais que se sentissem favorecidos pelo sistema.

A autora caracteriza tal massacre como “um campo de concentração em pleno Brasil” e ademais: holocausto, visto que, ambos são usados na contextualização do nazismo (ideologia criada e defendida pelo Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, segundo alguns historiadores, responsável pelo extermínio de mais de 10 milhões de pessoas negras, poloneses, homossexuais, comunistas, ciganas, judias, deficientes físicas e mentais com o intuito de atingir a perfeição da raça) e se assemelha pelo fator assassinato em massa. O que diferencia um do outro é que enquanto o primeiro manifestou-se ostensivamente, doutrinando às claras e de forma contundente; o holocausto brasileiro no que lhe concerne, escondeu atrás dos grandes muros do hospital psiquiátrico chamado Colônia.

Já em pleno sec. XXI, o adoecimento mental do homem tem se configurado da mesma forma que a do sec. anterior, apenas tem se apresentado mediante circunstâncias advindas da conjuntura tecnológica, política e social na qual estamos vivendo. Esse adoecimento acomete por exemplo aos que se propõem a uma extensa jornada de trabalho na tentativa de iniciar, manter ou “melhorar” o seu padrão de vida, aos que se prendem a ideia de corpo perfeito, designada pela grande mídia, aos que se atêm ao mundo “mágico e tentador” transmitido por influenciadores digitais e pelas redes sociais, dentre outros aspectos, como por exemplo a obsolescência dos produtos oferecidos.

Destarte, faz-se o seguinte questionamento: na perspectiva da história narrada por Daniela Arbex, a insanidade fora patológica ou produzida? Há diferenciação entre a “loucura que se enquadra” os setenta por cento dos pacientes do referido Hospital Colônia e o adoecimento mental acometido por grande parte da população mundial nos dias atuais? Como de fato tais exigências da pós-modernidade tem enlouquecido a sociedade do século XXI? Afinal, lucidez e insanidade são condições de estado? Responder tais questões, sob a ótica de uma sociedade capitalista que, sutilmente, enlouquece e atormenta, não é uma simples tarefa. Literalmente esta é a era do “Capitalismo selvagem”, termo utilizado pela primeira vez por Karl Marx no seu livro O Capital.

## **2 Objetivo geral**

- Descrever o adoecimento mental e as formas que se produz a loucura na atualidade.

## **3 Desenvolvimento**

A loucura é um famigerado assunto em que a sua abordagem se difere de acordo com a época discutida. Quando falamos da Idade Média a loucura era vista em um tom religioso relacionando a monstruosidade do ser. Na idade contemporânea a loucura é considerada uma doença mental. A loucura produzida então se dá pelo fato de a sociedade definir e moldar sua própria normalidade de acordo com discursos dominantes e busca fazer com que as pessoas obedeçam, caso contrário são excluídas.

De acordo com Foucault (2000, p. 88)

O mundo contemporâneo torna possível a esquizofrenia, não porque seus acontecimentos o tornam inumano e abstrato, mas porque nossa cultura faz do mundo uma leitura tal que o próprio homem não pode mais reconhecer-se aí. Somente o conflito real das condições de existência pode servir de modelo estrutural aos paradoxos do mundo esquizofrênico.

Sabe-se que comumente a loucura, é detectada a partir do momento em que existem seres que pensam diferente do que é normalmente pensado em sociedade. Não se pode julgar uma pessoa por pensar diferente. Uma vez que cada um tem sua própria percepção da realidade; realidade essa que, humanamente falando, nunca vamos compreender de fato. No século XVI, por exemplo, Galileu Galilei foi taxado como louco e quase foi levado à forca, por pensar diferente da igreja, em sua prerrogativa que era a terra que se movia. Um exemplo que engrossa essa lista seria Cristóvão Colombo que acreditava que a terra fosse redonda, dentre outros.

Tem-se falado da normalidade, no que se refere ao comportamento, como um mediador entre o que é certo e errado. Tais distinções são enquadradas de acordo com o cenário socioeconômico, político e cultural de cada época. Diante da situação problema supracitada, fica evidente o quanto esse comportamento padrão imposto pela sociedade tem causado nas pessoas o comprometimento íntegro não apenas da saúde física, como também do estado psicoemocional das mesmas.

As regras, crenças e valores morais moldam o indivíduo e conduzem o seu modo de viver. Metaforicamente falando, são como peças de um enorme quebra-cabeça, onde a sociedade as move na direção favorável ao que é normal. Os indivíduos frequentemente se esforçam para se encaixarem no que é certo e se distanciar do que é errado. Estamos diante de um tempo, onde há certa inversão de conceitos, valores e comportamentos.

‘ [...] Há uma crença bastante enraizada segundo a qual tudo o que a maioria das pessoas sente, acredita ou faz, deve ser considerado normal. Por conseguinte, deve servir de guia para o comportamento geral, de roteiro para a educação. Lamentavelmente, nem todas as normas são benevolentes. Algumas, ao contrário, são geradoras de sofrimento e de enfermidades, podendo conduzir até mesmo à morte. Mas, como são dotadas de um consenso social, as pessoas não se dão conta do seu caráter patogênico.’ (P. Weil, J. Leloup e R. Crema, 2003, p.22).

A solidão, a falta de relacionamentos verdadeiros, tem ocupado o lugar da empatia, da alteridade. O avanço tecnológico trouxe em seu bojo o distanciamento do ser, as relações se tornaram líquidas, como relata Zygmunt Bauman, em diversas obras, como por exemplo Amor Líquido. A indústria tecnológica atrelada a mídia, lança no mercado, quase que diariamente, produtos que já nascem obsoletos, ou seja, ultrapassados, quer seja pela durabilidade ou pela própria inovação; gerando assim, um consumismo desenfreado que mascara uma ilusória e momentânea sensação de completude. Essa obsolescência não é percebida somente no que a mídia oferece, mas também nas relações interpessoais. A loucura antes fabricada por outrem, passou a ser produzida por todos os envolvidos nesta sociedade consumista e cada vez mais problemática.

Um exemplo claro disso é a troca de posições entre o Ser – existir, tornar-se, encontrar-se – e o Ter – possuir, portar - ou seja, para que alguém tenha sua essência, é preciso antes ter, possuir bens. Com isso, o ter antecede o ser, os valores intrínsecos se tornam subjacentes aos valores materiais. Precisa-se trabalhar excessivamente, numa correria e estresse diários, abdicar de boa parte do tempo e das pessoas que os cercam – como familiares e amigos - para possuir bens e finalmente se sentir realizado enquanto pessoa.

Quem não se torna refém dessa normalidade e a ela não se adequa acaba sendo considerado desajustado. Então uma parcela considerável de pessoas tem vivido uma espécie de “invisibilidade social”, pois são excluídas e desfavorecidas,

verdadeiros viventes “ sem voz e vez”. A padronização do ser humano tem gerado sofrimento e até mesmo a morte, mesmo quem não compactua com toda essa normatização acaba sendo atingido pelos seus malefícios. Pois a sociedade muitas vezes leva o indivíduo a acreditar que o erro está nele, quando na verdade quem precisa de reparos é ela própria.

#### **4 Considerações finais**

Tendo em vista tudo que foi relatado, refletir sobre o paradoxo entre a loucura outrora fabricada e a loucura produzida contemporaneamente se torna inevitável. Nunca a busca pelo progresso acarretou tantos transtornos mentais para a humanidade. O mundo tornou-se um manicômio a céu aberto. A loucura é produzida não somente nas poluições sonora, visual e ambiental, mas também na falta de mobilidade urbana, no excesso e controle de informações, no consumismo, na inversão de valores e outras infundáveis situações mortificantes do cotidiano.

Acentua-se a responsabilidade e a necessidade de um posicionamento mais crítico diante dessa situação. A busca diária pelo conhecimento é essencial para elucidar como fatores histórico-sociais contribuíram com a realidade vivenciada atualmente. O propósito desse trabalho não é aprofundar em tais fatores, mas reconhecer a importância do ser humano, enquanto agente de transformação do meio em que vive e conhecer o caminho percorrido até aqui.

A aquisição desse conhecimento trará maior compreensão sobre qual papel cada um tem desempenhado nos grupos sociais em que estão inseridos. É partindo desse reconhecimento que haverá a oportunidade de se questionar e intervir de forma sábia e construtiva sobre essa fabricação da loucura, que compromete não apenas o bem-estar dos envolvidos, mas também suas relações interpessoais e até mesmo a sociedade em geral. Segundo Bauman (2003) Nenhuma sociedade que esquece a arte de questionar pode esperar encontrar respostas para os problemas que as afligem.

Sabe-se que é um processo árduo, pois infelizmente vivemos numa sociedade onde em diversas situações não se tem total liberdade e segurança para se posicionar e os questionamentos são abafados pelos que detêm poder. Todavia a história de modo geral se constrói na dificuldade. Para além de seres que sofrem transformação, somos seres que transformam, é nessa perspectiva que o futuro

pode ser não apenas idealizado, mas construído de maneira mais esperançosa e harmoniosa.

Outras possíveis soluções a destacar, é o resgate ou fortalecimento de valores intrínsecos em cada um, a fim de fazer das relações sociais, experiências que envolvam mais empatia, afeto e respeito. Ações que dediquem mais tempo ao cuidado para com a natureza, com o próximo e consigo mesmo. A disseminação de tantos sentimentos ruins acontece por meio de pequenos gestos, dessa mesma forma é a transmissão da empatia, da alteridade dentre outros sentimentos e valores que humanizam mais as pessoas. A loucura está sendo produzida pelos mesmos e únicos autores que podem e precisam mudar essa realidade.

### **Referências**

ARBEX, Daniela. O Holocausto Brasileiro. 1. ed. – São Paulo: Geração. Editorial, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2004. ISBN: 978-85-7110-795-3

FOUCAULT, Michel. Doença Mental e Psicologia. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro 2000.

FOUCAULT, Michel. História da loucura na idade clássica. São Paulo: Perspectiva, 2002.

LANE, S.T. Maurer. O que é Psicologia Social. São Paulo: Brasiliense, 2006. Disponível em:

<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1806-69762008000200009](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762008000200009)>. Acesso em: 09, nov., 2018

WEIL, Pierre; LELOUP, Jean-Yves; CREMA, Roberto. Normose: a patologia da normalidade. Campinas, SP: Verus, 2003.